



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 2

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,
Linguísticas e Artes 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-280-7

DOI 10.22533/at.ed.807192404

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Nos cursos de formação preocupados com as conexões discursivas entre as ciências da linguagem, estudar a língua em uso significa compreender como o discurso é construído, sem a omissão investigativa das contextualizações da linguagem. Os cursos de formação simbolizam autênticos espaços de produção do conhecimento, além de problematizar as questões que necessitam ser refletidas e analisadas nas ações dos sujeitos.

Os sujeitos trazem como experiências as inúmeras e múltiplas vivências que são confrontadas nos espaços formais de ensino. Discutir sobre os processos de ensino significa considerar que há também a produção de saberes nos contextos não formais de produção do conhecimento.

Nesse sentido, a presente Coleção traz trinta reflexões e inúmeros autores que aceitaram o desafio de promover um diálogo com os contextos e as propostas de ensino, sobretudo na formação, alfabetização e letramento dos sujeitos, interlocutores desta coletânea. O que a torna necessária são as diferentes concepções e perspectivas nos quais os conhecimentos são apresentados.

No primeiro capítulo, as autoras discutem os contos de fada a partir do gênero propaganda, em que o estudo tem como metodologia de pesquisa a análise bibliográfica pertinente à problematização. No segundo capítulo, as autoras analisam o curta ficcional *Sombras do Tempo*, de Edson Ferreira, 2012, sob a perspectiva foucaultiana, aproximando os debates sobre raça e cinema no Brasil. No terceiro capítulo, o autor dedica-se em dois propósitos: identificar e analisar o diálogo entre a linguagem fílmica discutida no corpo do texto.

O autor do quarto capítulo traz à discussão a necessidade do planejamento escolar no contexto da dimensão teórico-pedagógica como prática necessária, além disso, discute e apresenta, sucintamente, as diferenças entre *planejamento* e *plano de aula*. No quinto capítulo, os autores apresentam as questões estéticas e visuais dos grafitos de banheiros como realização verbo-visual que apontam os discursos universitários. No sexto capítulo, o autor trata dos diálogos intertextuais entre Babadook e o Movimento Cinematográfico Expressionista Alemão.

No sétimo capítulo, a autora discute sobre as temáticas *formação* e *evasão* de alunos do Curso Técnico de Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais. No oitavo capítulo, os autores discutem e analisam, a partir de estudos culturais, as visualidades produzidas e amparadas na investigação comparada e híbrida. No nono capítulo, o autor discute os processos discursivos que ligam o sujeito na discussão conceitual entre a materialidade do sujeito, a sociedade e o consumo.

O autor do décimo capítulo reflete os modos de aprendizagem da iluminação cênica no contexto da formação de acadêmicos de Teatro, a partir da realização de uma oficina de iluminação cênica. No décimo primeiro capítulo, os autores fazem um recorte de um estudo mais amplo realizado em determinada disciplina de formação.

No décimo segundo capítulo são analisadas e identificadas a aplicabilidade de instrumentos capazes de ampliar o vocabulário nos diversos contextos de produção.

No décimo terceiro capítulo, as autoras tomam o Italiano como herança linguística a partir da proposição de material didático. No décimo quarto capítulo, a autora aproxima o viés teórico da prática tendo como análise alguns escritos de Antonio Candido e Pier Paolo Pasolini. No décimo quinto capítulo, os autores refletem sobre as relações entre memória e aprendizagem, relacionando o tema à problemática do Alzheimer, a partir de uma análise fílmica.

No décimo sexto capítulo, os autores apresentam uma reflexão sobre a produção do conhecimento nas artes híbridas focalizando os possíveis diálogos e convergências da linguagem cinematográfica em audiovisualidades contemporâneas. No décimo sétimo capítulo, os autores propõem, discutem e problematizam um método alternativo para o ensino de Física com alunos do ensino médio de escolas públicas. No décimo oitavo capítulo, o autor aprofunda-se, de forma bilíngue, nos termos médicos para compreender o significado de termo aplicado à interpretação e diálogo.

No décimo nono capítulo, a autora investiga a condução de um processo artístico para o deslocamento e o equilíbrio pelo desenvolvimento permanente. No vigésimo capítulo, frutíferas reflexões são apresentadas pelos autores sobre o discurso da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância, colocando em jogo o entendimento teórico de uma proposta metodológica. No vigésimo primeiro capítulo, a autora provoca leituras, pesquisas e diálogos sobre a construção histórica de um veto ao ficcional que é, em última instância, um veto da própria imaginação.

No vigésimo segundo capítulo, o autor realiza uma análise, apresentando a intratextualidade, além do diálogo do autor consigo mesmo. No vigésimo terceiro capítulo, a autora trata da potencialidade do silêncio presente na imagem, a partir do filme-carta *Letter to Jane: na investigation about a still*, de Jean-Luc Gofarf e Jean-Pierre Gorin, tecendo um breve panorama poético-conceitual do que pode ser imagético. No vigésimo quarto capítulo, as autoras trazem ao leitor os resultados da prática de dança, utilizando-se do método investigativo e de questionário estruturado, realizado entre outubro de 2017 e fevereiro de 2018.

As autoras do vigésimo quinto capítulo destacam os sentidos do romance *O Continente*, primeira parte da trilogia *O Tempo e o Vento*, do escritor Erico Verissimo. No vigésimo sexto capítulo, a autora analisa a Progressão Parcial à luz da Análise de Discurso Pechetiana. Já no vigésimo sétimo capítulo, a discussão de um projeto é apresentada pelas autoras como proposta reflexiva.

No vigésimo oitavo capítulo, a autora discute a narrativa à valorização de uma voz subjetiva na representação do registro documental e da arte contemporânea. No vigésimo nono capítulo, a autora revela um percurso de uma pesquisa participante em arte. E, por fim, no trigésimo capítulo que fecha as reflexões desta Coleção, as autoras discutem acerca de uma ruptura com o discurso colonizador e seus mecanismos de pressão na América Latina.

Todos os autores dos trabalhos compilados neste segundo volume da coletânea em questão, desejam que os possíveis leitores e investigadores encontrem os questionamentos capazes de desenvolver as habilidades investigativas na produção do conhecimento em quaisquer que sejam as áreas do saber.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| CONTOS DE FADA EM PROPAGANDAS: APELO À EMOÇÃO E QUESTÕES DE GÊNERO FAIRY TALES IN ADVERTISEMENTS: APPEAL TO EMOTION AND GENDER ISSUES | |
| Fabiana Piccinin Silvana da Rosa | |
| DOI 10.22533/at.ed.8071924041 | |
| CAPÍTULO 2 | 16 |
| CORPO NEGRO E PODER O CURTA SOMBRAS DO TEMPO NA PLATAFORMA AFROFLIX | |
| Lara Lima Satler Emilly César Almeida | |
| DOI 10.22533/at.ed.8071924042 | |
| CAPÍTULO 3 | 32 |
| EL TOPO E O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO: DAS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE DOIS FAROESTES LATINOS DOS ANOS 70 | |
| Gabriel Philippini Ferreira Borges da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.8071924043 | |
| CAPÍTULO 4 | 42 |
| O PLANEJAMENTO ESCOLAR NA DIMENSÃO TEÓRICO-PEDAGÓGICA | |
| Ivan Vale de Sousa | |
| DOI 10.22533/at.ed.8071924044 | |
| CAPÍTULO 5 | 52 |
| FABRICAÇÕES DO COTIDIANO: ESTÉTICA E VISUALIDADE NOS/DOS GRAFITOS DE BANHEIRO | |
| Ana Paula Aparecida Caixeta Luiz Carlos Pinheiro Ferreira | |
| DOI 10.22533/at.ed.8071924045 | |
| CAPÍTULO 6 | 64 |
| HERANÇAS EXPRESSIONISTAS NO HORROR CONTEMPORÂNEO: AS ESTRATÉGIAS DIALÓGICAS DE <i>BABADOOK</i> | |
| Gabriel Perrone | |
| DOI 10.22533/at.ed.8071924046 | |
| CAPÍTULO 7 | 71 |
| FORMAÇÃO E EVASÃO DE ALUNOS DO CURSO TÉCNICO DE INTÉRPRETES DE LIBRAS DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ALMIRANTE SOARES DUTRA - ETEASD NO MERCADO DE TRABALHO EM PERNAMBUCO | |
| Denise Melo Darlene Lira | |
| DOI 10.22533/at.ed.8071924047 | |
| CAPÍTULO 8 | 74 |
| AS <i>ARPILLERAS</i> E A REFLEXÃO SOBRE OS SUJEITOS EM NARRATIVAS POÉTICO-VISUAIS | |
| Jossier Sales Boleão Émile Cardoso Andrade | |
| DOI 10.22533/at.ed.8071924048 | |

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| CAPÍTULO 9 | 84 |
| IMAGEM E CONSUMO: A TRANSFORMAÇÃO DO(NO) CORPO E A PROBLEMÁTICA DO REFERENTE | |
| Guilherme Carrozza | |
| DOI 10.22533/at.ed.8071924049 | |
| CAPÍTULO 10 | 96 |
| ILUMINAÇÃO CÊNICA: PRINCÍPIOS PRÁTICOS DA ILUMINAÇÃO TEATRAL | |
| Vanderlei Antonio Bachega Junior | |
| DOI 10.22533/at.ed.80719240410 | |
| CAPÍTULO 11 | 103 |
| INFERÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UM OLHAR SOBRE AS PROPAGANDAS DOS CAMELÔS NUMA CIDADE DO SERTÃO DA BAHIA | |
| Adão Fernandes Lopes | |
| Denise Dias de Carvalho Sousa | |
| DOI 10.22533/at.ed.80719240411 | |
| CAPÍTULO 12 | 117 |
| INSTRUMENTOS PARA A AMPLIAÇÃO E ADEQUAÇÃO VOCABULAR NO ÂMBITO DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TEXTUAL ORAL E ESCRITA | |
| Fernanda Luzia de Almeida Miranda | |
| Tuise Brito Rodrigues | |
| DOI 10.22533/at.ed.80719240412 | |
| CAPÍTULO 13 | 128 |
| ITALIANO COMO HERANÇA EM PEDRINHAS PAULISTA: UMA PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO | |
| Rosangela Maria Laurindo Fornasier | |
| Tatiana Iegoroff de Mattos | |
| Fernanda Landucci Ortale | |
| DOI 10.22533/at.ed.80719240413 | |
| CAPÍTULO 14 | 140 |
| LITERATURA E REALIDADE EM ESCRITOS DE ANTONIO CANDIDO E PIER PAOLO PASOLINI | |
| Ana Clara Vieira da Fonseca | |
| DOI 10.22533/at.ed.80719240414 | |
| CAPÍTULO 15 | 150 |
| MEMÓRIA E COGNIÇÃO: A DOENÇA DE ALZHEIMER RETRATADA NO FILME <i>ELLA E JOHN</i> | |
| Bianca Cardoso Batista | |
| Vagner Bozzetto | |
| DOI 10.22533/at.ed.80719240415 | |
| CAPÍTULO 16 | 164 |
| LINGUAGEM, CORPO E ESTÉTICA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NO CINEMA E NAS ARTES DO VÍDEO | |
| Cristiane Wosniak | |
| Rodrigo Oliva | |
| DOI 10.22533/at.ed.80719240416 | |

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| CAPÍTULO 17 | 177 |
| METODOLOGIA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE FÍSICA | |
| Shayenny Alves de Medeiros | |
| Maria Suenia Nunes de Moraes | |
| Kátia Cristina Barbosa da Silva | |
| Elivélton de Lima Alves | |
| Bismark Mota da Silva | |
| Brenda de Souza Silva | |
| José Walber Farias Gouveia | |
| Maria das Graças Araújo Barros | |
| Virgínia Micaela de Amorim Silva | |
| Rafaele Maciel da Silva | |
| Patricio José Felix da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.80719240417 | |
| CAPÍTULO 18 | 187 |
| MORFOLOGIA APLICADA À TERMINOLOGIA MÉDICA: UM ESTUDO PARA LINGUISTAS | |
| Bruno Eric dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.80719240418 | |
| CAPÍTULO 19 | 200 |
| O BALANÇAR DO MANTO | |
| Sofia Gentil Mussolin | |
| DOI 10.22533/at.ed.80719240419 | |
| CAPÍTULO 20 | 212 |
| O DISCURSO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: ALGUNS APONTAMENTOS DISCURSIVOS | |
| Lucas Martins Flores | |
| Alice Maria Martins Rebelo | |
| DOI 10.22533/at.ed.80719240420 | |
| CAPÍTULO 21 | 224 |
| O IMAGINÁRIO COMO VIA DE TRANSGRESSÃO DO REAL | |
| Andréa Portolomeos | |
| DOI 10.22533/at.ed.80719240421 | |
| CAPÍTULO 22 | 229 |
| O INTERTEXTUAL E O INTRATEXTUAL NA OBRA DE WOODY ALLEN: UMA ANÁLISE SOBRE OS FILMES “ALICE”, “BLUE JASMINE” E “WONDER WHEEL” | |
| Alexandre Silva Wolf | |
| DOI 10.22533/at.ed.80719240422 | |
| CAPÍTULO 23 | 239 |
| O SILÊNCIO DA IMAGEM: PERSPECTIVA MICROPOLÍTICA NO FILME-CARTA <i>LETTER TO JANE</i> (1972) | |
| Maruzia de Almeida Dultra | |
| DOI 10.22533/at.ed.80719240423 | |

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| CAPÍTULO 24 | 254 |
| PRÁTICAS DE DANÇA NA MATURIDADE E A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA NA REGIÃO SUL DO BRASIL: APRESENTANDO ALGUNS RESULTADOS | |
| Daniela Llopart Castro | |
| Elisabete Alexandra Pinheiro Monteiro | |
| Eleonora Campos da Motta Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.80719240424 | |
| CAPÍTULO 25 | 264 |
| PRODUÇÃO DE SENTIDO EM O <i>CONTINENTE</i> : MOVIMENTOS DO TEMPO E DO VENTO | |
| Ana Cristina Agnoletto | |
| Márcia de Souza | |
| DOI 10.22533/at.ed.80719240425 | |
| CAPÍTULO 26 | 279 |
| PROGRESSÃO PARCIAL: MAIS UMA LEI QUE NÃO FUNCIONA | |
| Mônica Lopes Névoa Guimarães | |
| DOI 10.22533/at.ed.80719240426 | |
| CAPÍTULO 27 | 285 |
| PROJETO DE ESQUADRIAS DE PALETES PARA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL “CANTO DE CONEXÃO” | |
| Karina dos Santos Moura | |
| Renata Caetano Pereira | |
| DOI 10.22533/at.ed.80719240427 | |
| CAPÍTULO 28 | 291 |
| REGISTRO DOCUMENTAL NA ANIMAÇÃO A <i>BAILARINA</i> | |
| Carla Lima Massolla Aragão da Cruz | |
| DOI 10.22533/at.ed.80719240428 | |
| CAPÍTULO 29 | 304 |
| REVOADA EM CORES: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E EXPRESSÃO SIMBÓLICA DA REALIDADE VIVIDA NAS AULAS DE ARTES VISUAIS | |
| Cristiane Machado Corrêa Ferreira | |
| DOI 10.22533/at.ed.80719240429 | |
| CAPÍTULO 30 | 317 |
| SUDACAS – CORPOS INSURGENTES: CARTOGRAFANDO CORPOS <i>TRANS</i> COM A CÂMERA POR UMA ARTE POLÍTICA | |
| Janayna Medeiros Pinto Santana | |
| Rosa Maria Berardo | |
| DOI 10.22533/at.ed.80719240430 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR | 329 |

O DISCURSO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: ALGUNS APONTAMENTOS DISCURSIVOS

Lucas Martins Flores

Instituto Federal Farroupilha *Campus* Jaguari –
IFFar:Ja

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

Alice Maria Martins Rebelo

Professora do Estado do Rio Grande do Sul

RESUMO: Este texto apresenta reflexões sobre o discurso da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância, tendo como materialidades, os projetos pedagógicos dos Cursos de Licenciatura em Educação do Campo do Rio Grande do Sul. Refletir sobre esses saberes é colocar em jogo o entendimento teórico de uma proposta metodológica politicamente “imposta” para cursos de graduação de formação de professores para o campo, pelos editais específicos que determinam a Pedagogia da Alternância como a proposta a ser usada nos Cursos de Licenciatura em Educação do Campo. Resumidamente, a Pedagogia da Alternância organiza a produção do conhecimento em diferentes tempos e espaços (tempo escola e tempo comunidade) para um público específico, àqueles que vivem no e do campo e que buscam conhecimentos teóricos tecnológicos a ser ensinados e praticados nesses espaços. Por meio de um gesto interpretativo, tendo como base a Análise de Discurso de linha francesa, como uma teoria

de interpretação que permite compreender o funcionamento do discurso atravessado pela história e interpelado ideologicamente, lançamo-nos na tentativa de traçar reflexões sobre o discurso da Educação do Campo e a Pedagogia da Alternância como descrita nos Projetos de Cursos das Licenciaturas em Educação do Campo. Nesse percurso, observamos que se nomeia a alternância de duas diferentes formas – pedagogia da alternância e regime de alternância, - mas que, inicialmente, significam igual. É o mesmo e o diferente das palavras que significam pela história e pela língua em uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo.

PALAVRAS-CHAVE: discurso, pedagogia da alternância, educação do campo.

ABSTRACT: The present text brings thoughts on the discourse of Field Education and Pedagogy of Alternation, having, as materiality, pedagogical projects from teaching courses in Field Education in Rio Grande do Sul. Thinking about these knowledges is to put at stake the theoretical understanding of a methodological proposal that is politically “imposed” for graduation courses in field teacher formation, through specific notices that determine the Pedagogy of Alternation as a proposition to be used in teacher formation courses in Field Education. In brief, the Pedagogy of Alternation organizes the production of knowledge in

different times and spaces (school time and community time) for a specific group, to the ones that live in and by the field, and that seek theoretical technological knowledge to be taught and practiced in these places. Through an interpretive gesture, based on the French line of discourse analysis, as a theory of interpretation that makes possible to understand discourse as something crossed by history and interpellated by ideology, we try to trace reflections on discourse of Field Education and Pedagogy of Alternation as described in projects of teaching courses for the Field Education. In this route, we could observe that alternation is named in two different ways - Pedagogy of Alternation and Regime of Alternation - but, initially, they mean the same. It is the same and the different in words that mean through history and through language in a relation between what has already been said and what is being said.

KEYWORDS: Discourse, Pedagogy of Alternation, Field Education.

1 | INTRODUÇÃO

Uma primeira versão do presente texto foi apresentada no XVIII Encontro de Pós-Graduação (ENPOS), organizado pela Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul em 2016. Aqui, apresentamos alguns apontamentos sobre os processos sócio-histórico-ideológicos que compõem a disciplinarização/institucionalização da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância no Brasil, a partir da disciplinarização da Pedagogia da Alternância por meio da institucionalização de Cursos de Licenciaturas em Educação do Campo, considerando que um “conteúdo da ciência se disciplinariza e se estabelece através de sua institucionalização” (SCHERER, SCHNEIDERS e MARTINS, 2015). A Educação do Campo, de acordo com Molina (2015), coloca-se em processo de implantação, tendo em vista serem 42 cursos de Licenciatura em Educação do Campo que iniciaram a disciplinarização dessa área do saber em Universidades e Institutos no Brasil.

Nesse processo de implantação desses cursos a partir de 2012, coletamos materiais que refletem de forma teórica e prática sobre a Educação do Campo para que, então, pudéssemos constituir o nosso arquivo de investigação, entendendo-o como “um campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (PÊCHEUX, 1994, p. 57). Posteriormente, foram feitos recortes a fim de reconhecer as evidências práticas que organizam essas leituras e, nas palavras de Pêcheux (1994) “mergulhar a leitura literal (enquanto apreensão do documento) numa leitura interpretativa”, constituindo assim, um trabalho de relação do arquivo com ele mesmo, em uma série de conjunturas, ao mesmo tempo em que se dá um trabalho da memória, da história e da língua. Nosso interesse nesse processo era compreender o funcionamento teórico, prático e político da Pedagogia da Alternância em materialidades próprias da Educação do Campo.

Assim, dos quarenta e dois cursos (MOLINA, 2015) de Licenciaturas em Educação do Campo (LEDOCs) implantados no Brasil por Universidades Federais e Institutos

Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, realizamos um levantamento sobre as LEDOCs ofertadas no Rio Grande do Sul, a fim de “mergulharmos” em “uma leitura interpretativa”, tentando compreender como a Pedagogia da Alternância é explicitada nos Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) das LEDOCs do Rio Grande do Sul (RS).

Dentre essas, constituímos um arquivo por cinco PPCs das seguintes instituições que implantaram seus cursos por meio do Edital Nº 02/2012: Universidade Federal da Fronteira Sul (Campus Erechim e Laranjeiras do Sul), Universidade Federal do Pampa, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Rio Grande e Instituto Federal Farroupilha. Interessante observar que essa “escolha” (primeiro recorte) de trabalhar com os Projetos Políticos Pedagógicos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo das instituições do Rio Grande do Sul já é um recorte realizado para a constituição desse arquivo. Na posição que assumimos – baseados na Análise de Discurso de perspectiva pecheuxiana – isso se justifica, porque o que nos interessa não é a abrangência de leitura sobre o arquivo, nem a quantidade de fontes consultadas, mas o tratamento que esse arquivo e essas fontes merecem.

Orlandi (1984, p. 14) afirma que “recorte é uma unidade discursiva”. E por unidade discursiva, “entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação”. “Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva”. Desse modo, um segundo recorte para apresentar tal trabalho está direcionado ao que nos propomos a ler nestes Projetos Políticos Pedagógicos: sobre a proposta de funcionamento do Curso de Licenciatura em Educação do Campo: a Pedagogia da Alternância, enquanto metodologia pedagógica, assim definida pelos Marcos Normativos da Educação do Campo (BRASIL, 2012). Esses recortes se dão pelo nosso interesse em descrever o funcionamento do discurso sobre a Pedagogia da Alternância nesses documentos, compreendendo que o lugar em que situamos tal reflexão não se baseia em uma descrição do texto, mas sim, uma teorização sobre o discurso, observando o seu funcionamento a partir de um quadro epistemológico em que se unem o histórico, o linguístico, atravessado por uma teoria psicanalítica em que enquadra a noção de sujeito.

De um lado, tínhamos um Edital que orientava a criação de novos cursos de graduação e, de outro, os PPCs criados em resposta a esse Edital que norteava para a adoção do “Regime” de Alternância em seus diferentes tempos, o da escola e o da comunidade (BRASIL, 2012). É nesse lugar que traçamos alguns apontamentos discursivos sobre o discurso da Educação do Campo e a Pedagogia da Alternância com base no discurso político-governamental dos Projetos de Cursos da Licenciatura em Educação do Campo.

2 | METODOLOGIA

Para essa reflexão que propomos, buscamos compreender as políticas da Educação do Campo, como elas vêm sendo desenvolvidas no Brasil. Para tanto, e alicerçados pela Análise de Discurso de linha francesa e inseridos na linha de pesquisa Língua, Sujeito e História, interessamo-nos pela compreensão histórica dos processos de produção de sentidos.

Michel Pêcheux (1988, p. 153), em sua proposta de uma “teoria materialista do discurso”, concebe ideologia, com base em Althusser, como “estruturas-funcionamentos designadas” que dissimulam “sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências ‘subjetivas’, no sentido não como ‘que afetam o sujeito’, mas ‘nas quais se constitui o sujeito’”, afirmando que “a Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” (PÊCHEUX, 1988, p. 148). No entanto, Pêcheux examina como essa tese pode “desvendar o mistério em questão”, sob a problemática de uma “teoria materialista dos processos discursivos, articulada com a problemática das condições ideológicas de reprodução/ transformação das relações de produção”.

A presente reflexão se torna possível, pois desde o início da proposta dessa pesquisa, traçamos movimentos do ir e do vir do aparato teórico da AD em relação ao arquivo que está em processo de constituição, movendo-se entre o teórico e o analítico, constituindo sentidos. É nesse percurso de (re)produção e (trans) formação dos discursos sobre a Educação do Campo e a Pedagogia da Alternância que pretendemos constituir uma historicidade da Educação do Campo. É em um “movimento pendular” entre o ir e vir de uma prática educacional e o movimento de constituição de sentidos que nasce a presente reflexão. O movimento pendular é uma proposta de Petri (2013) que consiste em atentar-se a observar o movimento do pêndulo que nasce da inércia para movimentar-se entre o vaivém, desconstruindo conceitos e produzindo deslocamentos de sentidos. Esse movimento proposto pela autora diz respeito “à metodologia da Análise de Discurso”, porque essa “está em suspenso, em movimento, (de)pendendo como o pêndulo, relativizando os olhares sobre o mesmo objeto” (PETRI, 2013). Nesse caso, o nosso “olhar” está sob o modo como a nomeação “regime” de alternância – discurso político-governamental – entra em funcionamento nos PPCs dos Cursos das LEDOCs no RS – discurso disciplinar de uma prática social.

3 | EDUCAÇÃO DO CAMPO E PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

A Licenciatura em Educação do Campo, de acordo com Caldart (2011), nasceu das proposições da II Conferência Nacional por uma Educação do Campo, realizada em 2004. Por meio de uma comissão instituída pelo Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) e com representante do Iterra, a proposta específica começou

a ser construída no MEC, em 2005, mas, a autora afirma que foi em novembro de 2006 que o MEC decidiu convidar universidades para a realização de projetos-piloto do curso. Caldart (2011) menciona que quatro projetos-piloto foram desenvolvidos. O primeiro, uma parceria entre Iterra e UnB, com início da primeira etapa em setembro de 2007. Caldart (2011) explica que essa turma aconteceu em Veranópolis, RS, na sede do Iterra, com uma organização curricular de etapas constituídas pela alternância entre Tempo Escola e Tempo Comunidade. Os outros projetos-piloto são da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Federal de Sergipe (UFS) (CALDART, 2011).

Em Nota Técnica N° 3/2016, o Ministério da Educação (MEC) estabelece que as LEDOCs “*devem ser institucionalizadas* na oferta regular dos cursos de graduação” (BRASIL, 2016), dentre aquelas instituições que ofertaram esse curso via Edital N° 02/2012. Além da demanda pela oferta do curso, a Nota informa que “as Licenciaturas *devem* integrar programas de ensino, pesquisa e extensão, sendo ofertadas na modalidade presencial, com vivências dos tempos educativos – Tempo Escola (TE) e Tempo Comunidade (TC)”, isto é, pelo “Regime” de Alternância, como uma “estratégia curricular”. (BRASIL, 2016).

Do ponto de vista discursivo, as palavras não têm sentido fixo ou literal, mas é o trabalho da ideologia que produz uma ilusão da literalidade, dando uma ideia de evidência de obviedade e veracidade. [...] “todos os indivíduos recebem como evidente o sentido do que ouvem e dizem, leem ou escrevem” [...] (PÊCHEUX, 1988). Nessa perspectiva, tornar o sentido de “regime” e “pedagogia” como transparente, sem refletir sobre o que ele representa em uma ordem social em um Curso da LEDOC, é não pensar sobre as consequências de se deixar ir pelo evidente.

Dessa maneira, observamos que o discurso político-governamental de 2012 a 2016 reproduz os mesmos dizeres, nomeando “regime” de alternância como se percebe no Edital (2012) e na Nota Informativa (2016). No entanto, nos Projetos de Cursos, as instituições nomeiam, em sua grande parte, “pedagogia” da Alternância, seguindo as literaturas da área. Isso demonstra, sob uma perspectiva discursiva, que o processo histórico de institucionalização das LEDOCs, é interpelado pelas condições ideológicas que (trans)formam “regime” em “pedagogia” em uma relação de produção de sentidos. O sentido desloca-se sob outra interpelação ideológica – que não do discurso político-governamental – mas de uma memória, a da literatura da área, como também, das práticas sociais da Educação do Campo (Movimentos Sociais – Escolas Agrícolas Familiares, etc.), o que justifica o uso da nomeação “pedagogia” nos PPCs.

Considerando que “existem muitas formas de aplicar e, portanto, de compreender a Alternância” (CALVÓ e GIMONET, 2013 p. 42) na Pedagogia da Alternância e/ou no Regime de Alternância, apresentamos um percurso histórico sobre a Pedagogia da Alternância, levando em consideração também como ela é apresentada nos Projetos de Cursos de Licenciatura em Educação do Campo no Rio Grande do Sul.

A distância é grande entre a ideia ou o conceito e a prática de alternância, e

aqueles que percorrem logo o percebem (GIMONET, 2007, p. 19). Nas *Maisons Familiales Rurales* (MFR) na França, elaborou-se “uma metodologia progressiva” no tempo e ajustada em função dos contextos, da evolução das formações, dos públicos recrutados, até mesmo das exigências administrativas. E de lá para cá, conhecimentos teórico-práticos foram sendo constituídos e transformados. Como se vê, o público da Pedagogia da Alternância em suas origens eram públicos específicos, o que vemos hoje é essa prática sendo aplicada em cursos de formação de professores do/no/para o campo em Universidades e Institutos Federais brasileiros.

Desse modo, Auroux (2008) explica que o ato de saber (a produção do conhecimento) “não é ele mesmo algo sem relação à temporalidade”, ou seja, é necessário tempo para saber sobre um conhecimento instantâneo. É a partir de um horizonte de retrospectão, isto é, conjunto de conhecimentos antecedentes que fazem com que se represente a Pedagogia da Alternância hoje, talvez, diferentemente do modo como era em outros lugares e momentos. Isso não significa afirmar que uma ou outra está certa ou errada. “É necessário tempo para saber” (Auroux, 2008, p. 141).

Da mesma maneira que o horizonte de retrospectão constitui saberes anteriores, segundo Auroux, o horizonte de projeção antecipa, idealiza, imagina, uma projeção do que está por vir. Na França, quando da criação das MFR, criaram-se alguns traços fundamentais de uma identidade comum, mas evidentemente que previa parâmetros constantes e evolutivos (Gimonet, 2007, p. 14). O que se tem hoje, em termos da legislação da Pedagogia da Alternância, é a última Nota Técnica Nº 3/2016 da SECADI que afirma que:

As Licenciaturas devem integrar programas institucionais de ensino, pesquisa e extensão, sendo ofertados na modalidade presencial, com a garantia da infraestrutura adequada e desenvolvimento pelo *Regime de Alternância*, com vivências dos tempos educativos – Tempo Escola (TE) e Tempo Comunidade (TC) (BRASIL, 2016).

Essa produção do conhecimento sobre a Pedagogia da Alternância vai além de onde dizem nascer seus marcos iniciais, nesse percurso é que nos interessa também compreender como se dá esse funcionamento do processo discursivo que vem da “pedagogia da alternância” para “regime de alternância”, como mencionado na última nota técnica em que, em nenhum momento, nomeia-se “pedagogia”, mas sim “regime”. Isso justifica nosso interesse em refletir sobre essa memória da/ na atualidade nesse processo discursivo. No Edital (2012), como apresentado anteriormente, utiliza-se “regime”, na literatura e nos PPCs dos Cursos, utiliza-se “pedagogia”, na última nota técnica (2016), “regime”. Entre “regime” e “pedagogia”, os sentidos não estão somente nas palavras, mas também na relação com a exterioridade, nas condições em que elas são produzidas. “Regime” e “pedagogia” significam pela história e pela língua.

Sobre esses marcos iniciais da Pedagogia da Alternância, Calvo e Gimonet (2013) observam que a Pedagogia da Alternância “não é monopólio” no que diz respeito a sua criação, porque já tem séculos. Eles destacam nesse processo, os *Compagnos*

du devoir ou aprendizes-companheiros e seu *Tour de France*, construindo castelos, palácios e catedrais; os monges e a construção de mosteiros na idade média que já aplicavam uma forma de alternância trabalho-escola; os irmãos das escolas cristãs e suas escolas dominicais.

O livro *Educação do Campo: origens da Pedagogia da Alternância no Brasil* de Paulo Nosella (2012) conta as origens da Pedagogia da alternância no Brasil, e é uma obra de caráter documentativo, de acordo com o autor, em que se publica a dissertação de mestrado, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em março de 1977, cujo título é: *Uma nova educação para o meio rural: sistematização e problematização da experiência educacional das escolas da família agrícola do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo*. O autor não é apenas um historiador observador das origens dessa experiência pedagógica, sobretudo, participou diretamente, desde 1968, do trabalho de criação das primeiras Escolas da Família Agrícola (EFAS) da Pedagogia da Alternância no Brasil (NOSELLA, 2012, p. 18).

Nosella para introduzir sobre a vida do Padre Granereau, afirma que “A história de uma ideia é também é história de um homem e, de certa forma, é também a história da época e dos problemas vividos por ele” (2012, p. 45). O Padre Granereau, nascido em 1885, na França, desde a sua juventude, o padre preocupou-se com o desinteresse, por parte do Estado e da Igreja, frente ao problema do homem do campo. Na época, acreditava-se que para os filhos de agricultores se tornarem sábios e instruídos, deveriam necessariamente mudar para os grandes centros urbanos, observa Nosella. Dessa necessidade de traçar um novo olhar para os homens do campo, para a escola rural, surgiu a Pedagogia da Alternância. Vê-se o funcionamento da ideologia sendo posta em evidência: dois aparelhos ideológicos: a) de estado e b) religioso funcionando sob um sujeito padre. Que movimentos escolares da época na França proporcionaram esse processo de valorização ao que está na cidade e ao que está no campo de forma diferenciada? Que políticas aí estão em jogo? Qual a relação da igreja nesse processo? O que ela pregava? E seria o que a igreja pregava a mesma posição do padre? Tais questões não serão respondidas nesse texto, mas são pertinentes para a construção de uma “historicidade” do processo de implantação da Pedagogia da Alternância no Brasil, uma vez que recebeu a interpelação ideológica da igreja e do estado.

Para fins de curiosidade, as primeiras MFR tiveram grande contribuição dos setores progressistas da Igreja Católica e no Brasil não foi diferente. Em 1968, uma organização filantrópica e sem fins lucrativos de inspiração cristã constitui o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES) liderado pelo padre jesuíta Humberto Pietrogrande, sacerdote de Anchieta – ES. Esse movimento de criação dessa fundação pode ser visualizado no fragmento abaixo em que Nosella (2012, p. 64) apresenta um fragmento dos Cadernos (1970), demonstrando os envolvidos: estado e igreja:

No dia 25 de abril de 1968, na Câmara Municipal de Anchieta, uma Assembleia de agricultores dos municípios assinava a ata constitutiva do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), que tinha como finalidade a promoção de pessoa humana, através de uma ação comunitária que desenvolva a mais ampla atividade inerente ao interesse da agricultura e principalmente no que tange à elevação cultural, social e econômica dos agricultores. Na Junta Diretora do MEPES se encontram os representantes da Companhia de Jesus, dos Vigários dos Prefeitos, da Associação dos Amigos Italianos e da ACARES (Associação de Crédito e Assistência Rural do Espírito Santo) (NOSELLA, 2012, p. 64).

Traçado esse percurso do processo histórico de implantação das primeiras atividades com a proposta pedagógica da alternância em escolas familiares rurais, passamos a caminhar pela Pedagogia da Alternância como posta pelos Cursos de Licenciatura em Educação do Campo, compreendendo que para a produção de um saber como conhecimento, faz-se necessário distinguir saberes tácitos dos saberes que configuram formas de representação, conforme nos explica Sylvain Auroux (2008), em *A Historicidade das Ciências*:

a relação do ser humano com seu ambiente (sobrevivência, produção de bens, organização) passa necessariamente pela colocação em funcionamento de elementos cuja construção e conservação dependem de externalidades e/ou são externalidades; tanto quanto estes elementos referem-se à representação, trata-se do que se chama “conhecimento” ou “saber” (AUROUX, 2008, p. 125).

Nesse sentido, os saberes tácitos constituem nossas práticas cotidianas, de acordo com Auroux (2008, p. 125), “não há saber sem transmissão” e o saber tácito pode ser ocultado, mas “transmissível”. Essa transmissão se dá pelas técnicas. “Assim, as técnicas têm sido primeiro conhecimentos não representados, transmitidos por aprendizagens e imitação”. São esses saberes tácitos que a Pedagogia da Alternância enfatiza como um processo de inicialização da produção do conhecimento dentro do curso, a partir de seu funcionamento em dois tempos: tempo escola, ou “tempo universidade” (como chamado pelo PPC do UFRGs) e tempo comunidade. A seguir, elencamos um recorte discursivo de um PPC, que demonstra essa valorização, enquanto necessidade de “esforço na apropriação” dos docentes de que seja desse modo e não de outro, dos tempos e espaços no processo formativo da proposta da alternância no Curso:

Esta *opção*, para além de *metodológica*, se traduz em uma *opção política*, exigindo por parte dos professores do curso um esforço na apropriação, problematização e proposição do próprio *método*. Desse modo, serão delineados momentos específicos para planejamento, elaboração e organização dos chamados Tempos Educativos: *Tempo Escola (TE)* e *Tempo Comunidade (TC)* que fundamentam a *Metodologia da Alternância* (UFFS, p. 41).

O PPC apresenta como uma “opção” a escolha pela Alternância, no entanto, como visualizamos anteriormente, isso foi politicamente definido pelo edital, como se explica adiante no próprio excerto “opção política”, isso demonstra o funcionamento da interpelação pelo estado na manutenção de uma proposta de ensino. Além disso, esse recorte discursivo apresenta a Pedagogia da Alternância como uma metodologia, definindo os espaços de “tempo” e “espaço” ocupados que permitem um diálogo entre

os saberes “técnico-tecnológicos” e os saberes “das experiências de vida”. Importa-nos aqui refletir brevemente sobre essa “representação” dos saberes enquanto discursivização produzida por sujeitos em diferentes espaços: a) de um lado, o sujeito que produz conhecimento científico, o da academia e b) de outro, um sujeito do campo, no campo (rural), que produz saberes para os seus, através da transmissão de aprendizagens e imitação. Encontra-se aí, talvez, a preocupação como apontada no PPC da UFFS (RD2), de que exige “por parte dos professores” “um esforço na apropriação, problematização e proposição do próprio método”.

Essas preocupações apontam para o que Auroux (1998, p. 126) corrobora, [...] “sabe-se que se sabe aquilo que se sabe. Evidente, às vezes não é absurdo dizer que se sabia, mas que não sabia o que se sabia”, demonstrando que nesse jogo de representações, o sujeito precisa ser encarado não como um sujeito biológico, objetivo, que sabe tudo, que sempre quer ter todas as respostas e que quando não as tem, representa tê-las, mas um sujeito que representa (no inconsciente) e é representado (no real) a todo momento, um sujeito sócio histórico que interpela e é interpelado pela língua e pela ideologia em seus processos discursivos nos seus diferentes tempos e espaços, que falha, que se contradiz. É nesse sentido, que concordamos com Petri (2004, p. 25), quando afirma que a representação está sempre sujeita à opacidade da linguagem e dos sentidos.

No recorte do PPC que trazemos abaixo, demonstra-se como se dá o funcionamento prático das organizações dos tempos escola e comunidade no Curso de Dom Pedrito. Ao contrário das outras organizações, o PPC da Licenciatura em Educação do Campo de Dom Pedrito/RS utiliza-se unicamente da nomeação “regime” como se percebe no recorte abaixo:

A Organização curricular em *regime de alternância*, com base no Parecer CNE/CEB n. 1/2006 – prevê dias letivos organizados em tempo escola e tempo comunidade, com etapas presenciais (equivalentes a semestres de cursos regulares) e etapas vivenciadas no próprio ambiente social e cultural dos estudantes. Sendo assim, neste projeto o TE, desenvolvido nos meses de fevereiro e julho, será realizado presencialmente na universidade, configura-se como um momento no qual os educandos possuem aulas teóricas e práticas com o grupo de docentes efetivos do curso e colaboradores, participam também de atividades culturais, e exercitam a capacidade de auto-organização: momentos de organização do ambiente, trabalho em grupo, resolução de exercícios, leituras, ou seja, cada acadêmico, de acordo com as suas necessidades organiza o seu tempo individual de acordo com a avaliação das suas prioridades e de acordo com o seu planejamento individual e coletivo. No TC os educandos realizam atividades em suas comunidades de origem, sejam elas escolas, acampamentos, assentamentos de reforma agrária, propriedades rurais. Entre algumas das atividades previstas para o TC estão: pesquisa sobre a realidade, registro destas experiências, implementação de ações pedagógicas, vivências que possibilitem a partilha de conhecimentos, desenvolvimento de projetos de aprendizagem. Todas as atividades são orientadas no TE, e acompanhadas pelos professores mediadores nos meses de julho a dezembro e nos meses de março a junho (Unipampa, 2013, p. 29).

Nesse movimento de sentidos, entre o mesmo e o diferente, entre a “pedagogia” e o “regime” da alternância, entre os saberes da Universidade e os saberes do campo

se constituem discursos que assumem diferentes posições que se assumem como as mesmas, em um caminho que perpassa o científico e o popular, inconscientemente atravessado ideologicamente por relação de forças. É nesse percurso entre os tempos e espaços pré-definidos da escola e da comunidade que a produção do conhecimento da Educação do Campo vem se constituindo, enquanto proposta educacional para aqueles localizados no campo.

4 | CONCLUSÕES

É o aparato teórico-metodológico da AD que permite observar a não transparência dos sentidos, compreendendo o funcionamento da língua na e pela história, percebendo os sentidos como opacos, porque são constituídos no interior das relações de força que constituem a ordem social (MARIANI, 2004). Uma reflexão sobre a escolha das palavras “Pedagogia” e/ ou “Regime” e seus funcionamentos nos projetos de cursos e nas instruções normativas que orientam os cursos de licenciatura se faz importante, por considerarmos que as palavras carregam em si uma história e uma memória. Vivemos a ilusória ideia de que podemos substituir uma palavra por outra sem que se produzam efeitos outros. Essa substituição imperfeita mostra a força, o poder da palavra, isto é, que ela é constitutivamente política e ideológica. A forma como se nomeia a Alternância, sobretudo “Regime” pelos Documentos Oficiais Legislativos, determina a posição sujeito assumida perante a Educação do Campo, enquanto política pública. De um lado, o “regime” usado pelo político nos instrumentos oficiais que norteiam as LEDOCs – Editais, Notas Informativas – de outro, a “pedagogia” sendo usada na literatura, na disciplinarização das LEDOCs em instituições públicas.

Se recorrermos ao dicionário de língua, sabendo, sobretudo, que ele é também sujeito a falhas, à contradição e que nele nem tudo cabe, verificamos que “regime” significa, entre outras coisas: “ação de governar, de reger, de dirigir, modo de governar um Estado: Regime constitucional [...]” e “pedagogia” significa, essencialmente, “ciência e conjunto de teorias, princípios e métodos da educação e do ensino”, de acordo com o Aulete Digital. Observamos que nas definições dessas palavras, se justifica a tomada de posição das instruções normativas pela política pública no gerir a metodologia pedagógica da alternância e na “opção” dos projetos de cursos da Educação do Campo em tratá-la como uma ciência, uma teoria a ser definida e aprofundada pelos espaços acadêmicos, papel da Educação do Campo, no cerne de sua proposta para sujeitos na sua especificidade, isto é, àqueles do e no campo.

Ao longo desse texto, mergulhados na constituição do arquivo, explorando o evidente e compreendendo o seu funcionamento, entre o ir e o vir de um movimento constante do teórico ao analítico da AD, percebemos que o percurso interpretativo das questões de nosso objeto pode vir a ser outro. É preciso considerar a relação entre o igual e o diferente do uso das palavras. “Pedagogia” e “Regime”, aparentemente

significam da mesma forma nos projetos de curso. É o diferente sendo o mesmo. É o político da palavra constituindo um espaço de significação em documentos oficiais de instrução político-pedagógica.

Compreender o sentido histórico-político da Educação do Campo com base nessas materialidades discursivas sobre Educação do Campo é considerar o funcionamento da língua em práticas sociais de sujeitos (re)produzindo sentidos na história.

REFERÊNCIAS

AUROUX, Sylvain. **A questão da origem das línguas** seguido de A historicidade das ciências. Campinas, Editora RG, 2008.

AULETE, Dicionário Online. 17 jan. 2019. Disponível em: < www.aulete.com.br > Acesso em 17 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI. **Nota Técnica Conjunta Nº 3/2016/GAB/SEACADI**. 2016. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=39261-nt-conjunta-03-2016-setec-sesu-secadi-pdf&category_slug=abril-2016&Itemid=30192 > Acesso em 19 de junho de 2016.

_____. **Editais de seleção Nº 02/2012- SESU/SETEC/SECADI/MEC de 31 de agosto de 2012**. Chamada Pública para criação de cursos de Licenciatura em Educação do Campo, na modalidade presencial. SESU/SETEC/SECADI/MEC. Brasília, 2012.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI. **Educação do Campo: marcos normativos**. Brasília: SECADI, 2012.

CALDART, R. S. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salette (Org.) **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

_____. Licenciatura em Educação do Campo e projeto formativo: qual o lugar da docência por área?. In: Molina, Mônica Castagna; Sá, Laís Mourão. (Org.). **Licenciaturas em Educação do Campo**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, v. 5, p. 95-121.

CALVÓ, Pedro Puig. GIMONET, Jean-Claude. Aprendizagens e relações humanas na Formação por Alternância. In: BEGNAMI, João Batista e BURGHGRAVE, Thierry (Orgs.) **Pedagogia da Alternância e sustentabilidade**. Orizona, UNEFAB, 2013.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAs**. Tradução de Thierry de Burghgrave. Petrópolis, RJ: Vozes, Paris: AIMFR – Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural, 2007.

INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA. **Projeto Pedagógico do Curso Licenciatura em Educação do Campo**. Jaguarí, RS, 2012.

MARIANI, B. **Colonização linguística: Línguas, política e religião no Brasil (séculos XVI a XVIII) e nos Estados Unidos da América (século XVIII)**. Pontes, 2004.

MOLINA, M. C. Expansão das licenciaturas em Educação do Campo: desafios e potencialidades. **Educar em Revista**, Curitiba, Editora UFPR: Brasil, n.55, jan./mar., 2015.

ORLANDI, Eni. Pulcinelli. Segmentar ou recortar. In: **Série Estudos**. Nº 10. Faculdades Integradas de

Uberaba (Linguística: Questões e Controvérsias), 1984.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Editora Unicamp, 1988.

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. (Org.) **Gestos de leitura**: da história no discurso. Tradução: Bethania S. C. Mariani. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

PETRI, V. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. In: PETRI, V. e DIAS, C. (Orgs.). **Análise do discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

_____. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário**: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins. Tese (Doutorado em Letras). Porto Alegre: UFRGS. 2004.

NOSELLA, Paolo. **Educação do Campo**: origens da pedagogia da alternância no Brasil. Vitória: EDUFES, 2012.

SCHERER, A. SCHNEIDERS, C. MARTINS, T. Saussure e os estudos saussurianos no sul: algumas reflexões. In: **Línguas e Instrumentos Linguísticos**. Crônicas e Controvérsias. nº 35. jan.-jun. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo**. Dom Pedrito, RS, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. **Projeto Pedagógico do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo**. Erechim, RS, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação Licenciatura em Educação do Campo**. Porto Alegre, RS, 2013.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-280-7

